



PESO EXTRA

O dia já raiava em uma solitária manhã. O sol batia na parada de ônibus em que eu me encontrava, mas não esquentava o ar ao meu redor. A tinta branca dos pilares se descascava em anos deixados de inscrições gravadas. De amor, ódio, depravação. As telhas acima de mim apresentavam musgos verdes, sujeira marrom.

O arco-íris da decadência.

A rua asfaltada refletia o calor do sol matinal em suaves ondas. O branco do meio-fio, que demarcava o estacionamento, era picado por pedras e cinzas. A sarjeta, impregnada de jornais de dias atrás, notificava assassinatos cuja autoria só ele sabia. Jornais, folhas, embalagens, vidas. Tudo a mesma coisa, quando se chega à sarjeta.

Postei-me naquela solitária parada de ônibus perto da vila dos catadores.

E lá vinha ele. Desafortunado peão do destino que eu mesmo havia mexido.

O simples e pobre catador de lixo vinha puxando sua carroça, nem notando que ela estava mais pesada que o normal. Suas roupas surradas, parecendo tão cansadas quanto ele, com remendos feitos com esmero. Sua carroça, feita de diversos tipos de sucata e coisas que os outros acabavam julgando inúteis, brilhava e tremeluzia ao sol.

Pobre homem.

Mal sabe ele que, durante a noite, as sombras se alongaram e estenderam um pequeno extra à sua bagagem.

Uma linda moça, uma moça morta.

Um peso extra.